

*Fernando Pessoa*  
**Poemas Publicados em Vida**  
**II**  
**MENSAGEM**

P

PESSOANA • EDIÇÕES





**Poemas Publicados em Vida**

**II**

**MENSAGEM**

**P**

© Luiz Fagundes Duarte e Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Esta edição digital pode ser descarregada gratuitamente.

A citação e a reprodução total ou parcial são autorizadas, devendo a proveniência ser indicada da seguinte forma: «Fernando Pessoa, *Poemas Publicados em Vida. II. Mensagem*, edição de Luiz Fagundes Duarte, ed. digital gratuita, Lisboa, Imprensa Nacional, 2020»

Os textos que formam esta edição foram inicialmente publicados no vol. 1 da Edição Crítica de Fernando Pessoa: *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*, Lisboa, Imprensa Nacional, 2018.

A estrutura e o conteúdo dessa edição-mãe são conservados, com as seguintes intervenções principais: foram corrigidas gralhas, foram revistas leituras, foi adotada a ortografia oficial vigente, foram retirados os instrumentos críticos acessórios do texto (aparatos, anotações, introduções, índices, etc.), em alguns volumes foram retirados textos incompletos. Para facilitar o cotejo com a edição-mãe, os textos conservam o número que aí tinham, o que explica os saltos de numeração desta edição digital.

Maio de 2020.

*Fernando Pessoa*  
**Poemas Publicados em Vida**  
**II**  
**MENSAGEM**

Edição de Luiz Fagundes Duarte

PESSOANA • EDIÇÕES

LISBOA 2020

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



# ÍNDICE GERAL

## PRIMEIRA PARTE

### BRASÃO

#### I — Os Campos

- 1 *Primeiro*. O dos Castelos 21
- 2 *Segundo*. O das Quinas 22

#### II — Os Castelos

- 3 *Primeiro*. Ulisses 25
- 4 *Segundo*. Viriato 26
- 5 *Terceiro*. O Conde D. Henrique 27
- 6 *Quarto*. D. Tareja 28
- 7 *Quinto*. D. Afonso Henriques 29
- 8 *Sexto*. D. Diniz 30
- 9 *Sétimo (I)*. D. João o Primeiro 31
- 10 *Sétimo (II)*. D. Filipa de Lencastre 32

#### III — As Quinas

- 11 *Primeira*. D. Duarte, Rei de Portugal 35
- 12 *Segunda*. D. Fernando, Infante de Portugal 36
- 13 *Terceira*. D. Pedro, Regente de Portugal 37
- 14 *Quarta*. D. João, Infante de Portugal 38
- 15 *Quinta*. D. Sebastião, Rei de Portugal 39

#### IV — A Coroa

- 16 Nunálvares Pereira 43

#### V — O Timbre

- 17 *A Cabeça do Grifo*. O Infante D. Henrique 47
- 18 *Uma Asa do Grifo*. D. João o Segundo 48
- 19 *A Outra Asa do Grifo*. Afonso de Albuquerque 49

## SEGUNDA PARTE

### MAR PORTUGUÊS

20 I O Infante	55
21 II Horizonte	56
22 III Padrão	57
23 IV O Mostrengo	58
24 V Epitáfio de Bartolomeu Dias	59
25 VI Os Colombos	60
26 VII Ocidente	61
27 VIII Fernão de Magalhães	62
28 IX Ascensão de Vasco da Gama	63
29 X Mar Português	64
30 XI A Última Nau	65
31 XII Prece	66

## TERCEIRA PARTE

### O ENCOBERTO

#### I — Os Símbolos

32 <i>Primeiro.</i> D. Sebastião	73
33 <i>Segundo.</i> O Quinto Império	74
34 <i>Terceiro.</i> O Desejado	75
35 <i>Quarto.</i> As Ilhas Afortunadas	76
36 <i>Quinto.</i> O Encoberto	77

#### II — Os Avisos

37 <i>Primeiro.</i> O Bandarra	81
38 <i>Segundo.</i> António Vieira	82
39 <i>Terceiro.</i> <i>Screvo meu livro à beira-mágoa.</i>	83



III — Os Tempos

40	<i>Primeiro</i> . Noite	87
41	<i>Segundo</i> . Tormenta	89
42	<i>Terceiro</i> . Calma	90
43	<i>Quarto</i> . Antemanhã	91
44	<i>Quinto</i> . Nevoeiro	92

NOTA: 14 dos 44 poemas que constituem a Mensagem já tinham sido anteriormente publicados por Fernando Pessoa em jornais e revistas. É o caso dos n.ºs 12, 17-18, 20-24 e 26-31.



MENSAGEM  
(1934)



*BENEDICTUS DOMINUS DEUS  
NOSTER QUI DEDIT NOBIS  
SIGNUM.*









*BELLUM SINE BELLO.*



I.

## OS CAMPOS



*PRIMEIRO*  
O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos cotovelos: 1  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;  
O direito é em ângulo disposto.  
Aquele diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,  
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar sfíngico e fatal,  
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

*SEGUNDO*  
O DAS QUINAS

2

Os Deuses vendem quando dão.  
Compra-se a glória com desgraça.  
Ai dos felizes, porque são  
Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta  
O bastante de lhe bastar!  
A vida é breve, a alma é vasta:  
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza  
Que Deus ao Cristo definiu:  
Assim o opôs à Natureza  
E Filho o ungiu.

**II.**

## **OS CASTELOS**





*PRIMEIRO*  
ULISSES

O mito é o nada que é tudo. 3  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo —  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.

*SEGUNDO*  
VIRIATO

4

Se a alma que sente e faz conhece  
Só porque lembra o que esqueceu,  
Vivemos, raça, porque houvesse  
Memória em nós do instinto teu.

Nação porque reincarnaste,  
Povo porque ressuscitou  
Ou tu, ou o de que eras a haste —  
Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquela fria  
Luz que precede a madrugada,  
E é já o ir a haver o dia  
Na antemanhã, confuso nada.

TERCEIRO  
O CONDE D. HENRIQUE

Todo começo é involuntário. 5  
Deus é o agente.  
O herói a si assiste, vário  
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada  
Teu olhar desce.  
«Que farei eu com esta espada?»

Ergueste-a, e fez-se.

QUARTO  
D. TAREJA

6

As nações todas são mistérios.  
Cada uma é todo o mundo a sós.  
Ó mãe de reis e avó de impérios,  
Vela por nós!

Teu seio augusto amamentou  
Com bruta e natural certeza  
O que, imprevisto, Deus fadou.  
Por ele reza!

Dê tua prece outro destino  
A quem fadou o instinto teu!  
O homem que foi o teu menino  
Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante  
Onde estás e não há o dia.  
No antigo seio, vigilante,  
De novo o cria!

QUINTO

D. AFONSO HENRIQUES

Pai, foste cavaleiro.  
Hoje a vigília é nossa.  
Dá-nos o exemplo inteiro  
E a tua inteira força!

7

Dá, contra a hora em que, errada,  
Novos infíéis vençam,  
A benção como espada,  
A espada como benção!

SEXTO  
D. DINIZ

8

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo  
O plantador de naus a haver,  
E ouve um silêncio múrmuro consigo:  
É o rumor dos pinhais que, como um trigo  
De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,  
Busca o oceano por achar;  
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,  
É o som presente desse mar futuro,  
É a voz da terra ansiando pelo mar.

SÉTIMO (I)

D. JOÃO O PRIMEIRO

O homem e a hora são um só 9  
Quando Deus faz e a história é feita.  
O mais é carne, cujo pó  
A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo  
Que Portugal foi feito ser,  
Que houveste a glória e deste o exemplo  
De o defender.

Teu nome, eleito em sua fama,  
É, na ara da nossa alma interna,  
A que repele, eterna chama,  
A sombra eterna.

*SÉTIMO (II)*

D. FILIPA DE LENCASTRE

10

Que enigma havia em teu seio  
Que só génios concebia?  
Que arcanjo teus sonhos veio  
Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto sério,  
Princesa do Santo Gral,  
Humano ventre do Império,  
Madrinha de Portugal!



**III.**

## AS QUINAS



*PRIMEIRA*  
D. DUARTE, REI DE PORTUGAL

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.  
A regra de ser Rei almou meu ser,  
Em dia e letra escrupuloso e fundo.

11

Firme em minha tristeza, tal vivi.  
Cumpri contra o Destino o meu dever.  
Inutilmente? Não, porque o cumpri.

*SEGUNDA*

D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

12

Deu-me Deus o seu gládio, por que eu faça  
A sua santa guerra.  
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,  
Às horas em que um frio vento passa  
Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
A fronte com o olhar;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá  
Em minha face calma.  
Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois, venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma.

TERCEIRA

D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL

Claro em pensar, e claro no sentir,  
E claro no querer;  
Indiferente ao que há em conseguir  
Que seja só obter;  
Dúplice dono, sem me dividir,  
De dever e de ser —

13

Não me podia a Sorte dar guarida  
Por não ser eu dos seus.  
Assim vivi, assim morri, a vida,  
Calmo sob mudos céus,  
Fiel à palavra dada e à ideia tida.  
Tudo mais é com Deus!

QUARTA  
D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL

- 14 Não fui alguém. Minha alma estava estreita  
Entre tão grandes almas minhas pares,  
Inutilmente eleita,  
Virgemmente parada;
- Porque é do português, pai de amplos mares,  
Querer, poder só isto:  
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —  
O todo, ou o seu nada.

QUINTA

D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

Louco, sim, louco, porque quis grandeza  
Qual a Sorte a não dá.  
Não coube em mim minha certeza;  
Por isso onde o areal está  
Ficou meu ser que houve, não o que há.

15

Minha loucura, outros que me a tomem  
Com o que nela ia.  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver adiado que procria?





IV.

## A COROA



NUNÁLVARES PEREIRA

Que auréola te cerca?  
É a espada que, volteando,  
Faz que o ar alto perca  
Seu azul negro e brando.

16

Mas que espada é que, erguida,  
Faz esse halo no céu?  
É Excalibur, a ungida,  
Que o Rei Artur te deu.

Sperança consumada,  
S. Portugal em ser,  
Ergue a luz da tua espada  
Para a estrada se ver!



v.

## O TIMBRE



*A CABEÇA DO GRIFO*  
O INFANTE D. HENRIQUE

Em seu trono entre o brilho das esferas,  
Com seu manto de noite e solidão,  
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —  
O único imperador que tem, deveras,  
O globo mundo em sua mão.

17

*UMA ASA DO GRIFO*  
D. JOÃO O SEGUNDO

18

Braços cruzados, fita além do mar.  
Parece em promontório uma alta serra —  
O limite da terra a dominar  
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitário  
Enche de estar presente o mar e o céu,  
E parece temer o mundo vário  
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.



A OUTRA ASA DO GRIFO  
AFONSO DE ALBUQUERQUE

De pé, sobre os países conquistados 19  
Desce os olhos cansados  
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.  
Não pensa em vida ou morte,  
Tão poderoso que não quer o quanto  
Pode, que o querer tanto  
Calcara mais do que o submisso mundo  
Sob o seu passo fundo.  
Três impérios do chão lhe a Sorte apanha.  
Criou-os como quem desdenha.







*POSSESSIO MARIS.*



I.  
O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. 20  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,  
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
E viu-se a terra inteira, de repente,  
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.  
Do mar e nós em ti nos deu sinal.  
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

II.  
HORIZONTE

21

Ó mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas passadas e o mistério,  
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério  
Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa —  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em árvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores;  
E, no desembarcar, há aves, flores,  
Onde era só, de longe a abstrata linha.

O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esperança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —  
Os beijos merecidos da Verdade.



III.  
PADRÃO

O esforço é grande e o homem é pequeno. 22  
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei  
Este padrão ao pé do areal moreno  
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.  
Este padrão sinala ao vento e aos céus  
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano  
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,  
Que o mar com fim será grego ou romano:  
O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma  
E faz a febre em mim de navegar  
Só encontrará de Deus na eterna calma  
O porto sempre por achar.

IV.  
O MOSTRENGO

23

O mostrengo que está no fim do mar  
Na noite de breu ergueu-se a voar;  
À roda da nau voou três vezes,  
Voou três vezes a chiar,  
E disse, «Quem é que ousou entrar  
Nas minhas cavernas que não desvendo,  
Meus tetos negros do fim do mundo?»  
E o homem do leme disse, tremendo,  
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?  
De quem as quilhas que vejo e ouço?»  
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,  
Três vezes rodou imundo e grosso,  
«Quem vem poder o que só eu posso,  
Que moro onde nunca ninguém me visse  
E escorro os medos do mar sem fundo?»  
E o homem do leme tremeu, e disse,  
«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,  
Três vezes ao leme as repredeu,  
E disse no fim de temer três vezes,  
«Aqui ao leme sou mais do que eu:  
Sou um Povo que quer o mar que é teu;  
E mais que o mostrengo, que me a alma teme  
E roda nas trevas do fim do mundo,  
Manda a vontade, que me ata ao leme,  
De El-Rei D. João Segundo!»

V.

EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,  
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,  
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!  
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

24

VI.  
OS COLOMBOS

25

Outros haverão de ter  
O que houvermos de perder.  
Outros poderão achar  
O que, no nosso encontrar,  
Foi achado, ou não achado,  
Segundo o destino dado.

Mas o que a eles não toca  
É a Magia que evoca  
O Longe e faz dele história.  
E por isso a sua glória  
É justa auréola dada  
Por uma luz emprestada.

VII.  
OCIDENTE

Com duas mãos — o Ato e o Destino —  
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu  
Uma ergue o facho trémulo e divino  
E a outra afasta o véu.

26

Fosse a hora que haver ou a que havia  
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,  
Foi alma a Ciência e corpo a Ousadia  
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal  
A mão que ergueu o facho que luziu,  
Foi Deus a alma e o corpo Portugal  
Da mão que o conduziu.

VIII.  
FERNÃO DE MAGALHÃES

27

No vale clareia uma fogueira.  
Uma dança sacode a terra inteira.  
E sombras disformes e descompostas  
Em clarões negros do vale vão  
Subitamente pelas encostas,  
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?  
São os Titãs, os filhos da Terra,  
Que dançam da morte do marinheiro  
Que quis cingir o materno vulto —  
Cingi-lo, dos homens, o primeiro —,  
Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada  
Do morto ainda comanda a armada,  
Pulso sem corpo ao leme a guiar  
As naus no resto do fim do espaço:  
Que até ausente soube cercar  
A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas eles não  
O sabem, e dançam na solidão;  
E sombras disformes e descompostas,  
Indo perder-se nos horizontes,  
Galgam do vale pelas encostas  
Dos mudos montes.

IX.

ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra  
Suspendem de repente o ódio da sua guerra  
E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus  
Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,  
Primeiro um movimento e depois um assombro.  
Ladeiam-o, ao durar, os medos, ombro a ombro.  
E ao longe o rastro rugem em nuvens e clarões.

28

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta  
Cai-lhe, e em êxtase vê, à luz de mil trovões,  
O céu abrir o abismo à alma do Argonauta.

X.  
MAR PORTUGUÊS

29

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.



XI.  
A ÚLTIMA NAU

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago  
Mistério.

30

Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?  
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,  
Mas Sua luz projeta-o, sonho escuro  
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlântica se exalta  
E entorna,  
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,  
Vejo entre a cerração teu vulto baço  
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,  
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora  
Mistério.  
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:  
A mesma, e trazes o pendão ainda  
Do Império.

XII.  
PRECE

31

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,  
Se ainda há vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —,  
Com que a chama do esforço se remoça,  
E outra vez conquistemos a Distância —  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!





*PAX IN EXCELSIS.*



I.

## OS SÍMBOLOS





*PRIMEIRO*  
D. SEBASTIÃO

Sperai! Caí no areal e na hora adversa  
Que Deus concede aos seus  
Para o intervalo em que esteja a alma imersa  
Em sonhos que são Deus.

32

Que importa o areal e a morte e a desventura  
Se com Deus me guardei?  
É O que eu me sonhei que eterno dura,  
É Esse que regressarei.

SEGUNDO  
O QUINTO IMPÉRIO

33

Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar,  
Sem que um sonho, no erguer de asa,  
Faça até mais rubra a brasa  
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!  
Vive porque a vida dura.  
Nada na alma lhe diz  
Mais que a lição da raiz —  
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem  
No tempo que em eras vem.  
Ser descontente é ser homem.  
Que as forças cegas se domem  
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa — os quatro se vão  
Para onde vai toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu D. Sebastião?

TERCEIRO  
O DESEJADO

Onde quer que, entre sombras e dizeres, 34  
Jazas, remoto, sente-te sonhado,  
E ergue-te do fundo de não-seres  
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, ergue de novo,  
Mas já no auge da suprema prova,  
A alma penitente do teu povo  
À Eucaristia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gládio unguido,  
Excalibur do Fim, em jeito tal  
Que sua Luz ao mundo dividido  
Revele o Santo Gral!

QUARTO  
AS ILHAS AFORTUNADAS

35

Que voz vem no som das ondas  
Que não é a voz do mar?  
É a voz de alguém que nos fala,  
Mas que, se escutamos, cala,  
Por ter havido escutar.

E só se, meio dormindo,  
Sem saber de ouvir ouvimos,  
Que ela nos diz a esperança  
A que, como uma criança  
Dormente, a dormir sorrimos.

São ilhas afortunadas,  
São terras sem ter lugar,  
Onde o Rei mora esperando.  
Mas, se vamos despertando,  
Cala a voz, e há só o mar.

QUINTO  
O ENCOBERTO

Que símbolo fecundo 36  
Vem na aurora ansiosa?  
Na Cruz morta do Mundo  
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino  
Traz o dia já visto?  
Na Cruz, que é o Destino,  
A Rosa, que é o Cristo.

Que símbolo final  
Mostra o sol já desperto?  
Na Cruz morta e fatal  
A Rosa do Encoberto.



## II.

# OS AVISOS





*PRIMEIRO*  
O BANDARRA

Sonhava, anónimo e disperso,  
O Império por Deus mesmo visto,  
Confuso como o Universo  
E plebeu como Jesus Cristo

37

Não foi nem santo nem herói,  
Mas Deus sagrou com Seu sinal  
Este, cujo coração foi  
Não português mas Portugal.

*SEGUNDO*  
ANTÓNIO VIEIRA

38

O céu strela o azul e tem grandeza.  
Este, que teve a fama e à glória tem,  
Imperador da língua portuguesa,  
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,  
Constelado de forma e de visão,  
Surge, prenúncio claro do luar,  
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.  
É um dia; e, no céu amplo de desejo,  
A madrugada irreal do Quinto Império  
Doira as margens do Tejo.

TERCEIRO

Screvo meu livro à beira-mágoa.  
Meu coração não tem que ter.  
Tenho meus olhos quentes de água.  
Só tu, Senhor, me dás viver.

39

Só te sentir e te pensar  
Meus dias vácuos enche e doura.  
Mas quando quiserás voltar?  
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Cristo  
De a quem morreu o falso Deus,  
E a despertar do mal que existo  
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,  
Sonho das eras português,  
Tornar-me mais que o sopro incerto  
De um grande anseio que Deus fez?

Ah, quando quiserás, voltando,  
Fazer minha esperança amor?  
Da névoa e da saudade quando?  
Quando, meu Sonho e meu Senhor?



**III.**

**OS TEMPOS**



*PRIMEIRO*  
NOITE

A nau de um deles tinha-se perdido 40  
No mar indefinido.  
O segundo pediu licença ao Rei  
De, na fé a na lei  
Da descoberta, ir em procura  
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
Volveu do fim profundo  
Do mar ignoto à pátria por quem dera  
O enigma que fizera.  
Então o terceiro a El-Rei rogou  
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

\*

Como a um cativo, o ouvem a passar  
Os servos do solar.  
E, quando o veem, veem a figura  
Da febre e da amargura,  
Com fixos olhos rasos de ânsia  
Fitando a proibida azul distância.

\*

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome —  
O Poder e o Renome —  
Ambos se foram pelo mar da idade

À tua eternidade;  
E com eles de nós se foi  
O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscá-los, desta vil  
Nossa prisão servil:  
É a busca de quem somos, na distância  
De nós; e, em febre de ânsia,  
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.



SEGUNDO  
TORMENTA

Que jaz no abismo sob o mar que se ergue? 41  
Nós, Portugal, o poder ser.  
Que inquietação do fundo nos soergue?  
O desejar poder querer.

Isto, e o mistério de que a noite é fausto...  
Mas súbito, onde o vento ruge,  
O relâmpago, farol de Deus, um hausto  
Brilha, e o mar scuro struge.

*TERCEIRO*  
CALMA

42

Que costa é que as ondas contam  
E se não pode encontrar  
Por mais naus que haja no mar?  
O que é que as ondas encontram  
E nunca se vê surgindo?  
Este som de o mar praiar  
Onde é que está existindo?

Ilha próxima e remota,  
Que nos ouvidos persiste,  
Para a vista não existe.  
Que nau, que armada, que frota  
Pode encontrar o caminho  
À praia onde o mar insiste,  
Se à vista o mar é sozinho?

Haverá rasgões no espaço  
Que dêem para outro lado,  
E que, um deles encontrado,  
Aqui, onde há só sargaço,  
Surja uma ilha velada,  
O país afortunado  
Que guarda o Rei desterrado  
Em sua vida encantada?

QUARTO  
ANTEMANHÃ

O mostrengo que está no fim do mar  
Veio das trevas a procurar  
A madrugada do novo dia,  
Do novo dia sem acabar;  
E disse, «Quem é que dorme a lembrar  
Que desvendou o Segundo Mundo,  
Nem o Terceiro quer desvendar?»

43

E o som na treva de ele rodar  
Faz mau o sono, triste o sonhar.  
Rodou e foi-se o mostrengo servo  
Que seu senhor veio aqui buscar.  
Que veio aqui seu senhor chamar —  
Chamar Aquele que está dormindo  
E foi outrora Senhor do Mar.

QUINTO  
NEVOEIRO

44

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a entristecer —  
Brilho sem luz e sem arder,  
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.  
Ninguém conhece que alma tem,  
Nem o que é mal nem o que é bem.  
(Que ânsia distante perto chora?)  
Tudo é incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso, nada é inteiro.  
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

*Valete, Fratres.*



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

—  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[prelo.incm.pt](http://prelo.incm.pt)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

—  
© Luiz Fagundes Duarte  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

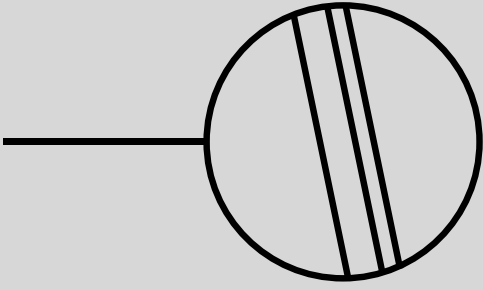
—  
O livro *POEMAS PUBLICADOS EM VIDA. II. MENSAGEM* de FERNANDO PESSOA  
é o segundo título da coleção PESSOANA, série EDIÇÕES,  
e tem edição de texto de LUIZ FAGUNDES DUARTE.

Tem edição, revisão e paginação  
da IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA,  
e *design* gráfico de EDUARDO AIRES.  
Foi composto em caracteres MINION PRO

—  
Edição digital gratuita, maio de 2020  
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda







A